

Os parceiros de Rio Formoso: análise das apropriações das redes sociais pelos jovens do Assentamento Amaraji, PE e sua contribuição para o desenvolvimento local.¹

Rosangela Araújo de SOUZA²
Iêda Litwak de Andrade CÉZAR³
Ladjane de Fátima RAMOS CAPORAL⁴
Maria Salett TAUK SANTOS⁵

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Estudos sobre a relação entre o uso de redes e o desenvolvimento local não são recentes. No século XIX isto foi percebido nos trabalhos de Tocqueville ao estudar o associativismo norte-americano e de Putnan ao pesquisar sobre o desenvolvimento de municípios italianos. Franco reforça essa ideia ao indicar que para conseguir o desenvolvimento local se faz necessário o desenvolvimento social e humano. O tema se mantém contemporâneo em virtude da potencialização das redes no paradigma das novas tecnologias de comunicação (CASTELLS, 1999). É nessa perspectiva que o presente trabalho pretende analisar quais os usos que os jovens agricultores do Assentamento Amaraji em Rio Formoso fazem das redes sociais e se tal prática contribui para o desenvolvimento local.

PALAVRAS-CHAVE: redes sociais; jovens; desenvolvimento local.

Introdução

O objetivo deste estudo é analisar as apropriações das redes sociais pelos jovens da Associação dos Jovens Agricultores do Assentamento Amaraji em Rio Formoso/PE. Especificamente o que se quer compreender é quais os usos que estes jovens fazem das redes e se tal prática contribui para o desenvolvimento local. O texto faz parte de uma pesquisa mais ampla, um estudo das apropriações das redes sociais em contextos populares, em assentamentos no município de Rio Formoso, Zona da Mata Sul de Pernambuco, e que integra o projeto desenvolvido pelo Observatório de Extensão Rural – OBSERVATER –

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX - Departamento de Educação – UFRPE, email asrosangela@gmail.com

³ Economista Doméstica, mestranda do Programa de Pós – Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – Departamento de Educação – UFRPE, bolsista CAPES, email iedalitikwak@gmail.com

⁴ Psicóloga, mestranda Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX - Departamento de Educação – UFRPE, email ladjane.caporal@gmail.com

⁵ Orientadora do trabalho. Professora do Programa em Extensão Rural e Desenvolvimento Local – POSMEX - Departamento de Educação – UFRPE, doutora em Ciências da Comunicação, email mstauk@hotmail.com

ligado ao Mestrado em Extensão Rural e Desenvolvimento Local do Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Neste artigo contextos populares serão trabalhados na perspectiva de Tauk Santos (2011) que define como sendo populações aqueles que vivem em situação desfavorável e de desigualdades, nos aspectos sócio-político-econômico, em relação ao acesso e a apropriação de bens, que se dá de forma incompleta, desigual e desvinculada.

O recorte dado à juventude deve-se ao fato de os jovens terem assumido o papel de atores sociais em processos de mudança, a exemplo das mobilizações no Oriente Médio (TAUK SANTOS, 2011), bem como terem uma maior influência no poder de decisão da família.

Diferentemente do que acontecia com a juventude no passado cujos manifestos eram de protestos ou no máximo reivindicatórios, a juventude do presente vai além e assume um papel propositivo. Na ausência de intervenções do Estado, os jovens tem se articulado e participam das redes sociais. Nesses casos as redes assumem uma forma de articulação solidária de indivíduos que possuem identificações identitárias e possui um potencial importante de ativar capacidades individuais e coletivas. (TAUK SANTOS, 2011. p.4)

Estudos acerca dos usos das redes sociais em comunidades organizadas indicam que a aproximação dos atores sociais pode oferecer oportunidades de desenvolvimento do Capital Social e, conseqüentemente, este poderá servir como base para o fortalecimento das estratégias de desenvolvimento local. Tocqueville estudou o associativismo nos Estados Unidos do século XIX e observou a importância da organização em associações no desenvolvimento conquistado pelo país, particularmente em sua forma de organização em rede. Franco (2001) faz uma análise dos resultados observados por Tocqueville.

A dinâmica da associação americana no século XVIII foi – ao contrário do que se poderia esperar para a época – uma dinâmica de autonomia e de autoorganização em rede e não de heteronomia e de organização hierárquico-vertical. A coisa acontece como se capital humano, a partir de certo patamar, conectado dessa forma – i. e., em rede – produzisse aceleradamente Capital Social (FRANCO, 2001. p.80)

No início do século XX a organização em redes sociais – desta vez sob a forma de cooperativas - foi incentivada em Dakota do Norte e Minnesota para enfrentar a crise econômica nos Estados Unidos. Estudos do Departamento de Economia Agroalimentar da Universidade de Dakota do Norte apontaram como impactos econômicos resultantes desta iniciativa:

[...] crescimento de emprego, aumento da renda per capita e aumento das contribuições diretas e indiretas para o Estado. [...] O modelo da Nova

Geração adotado nos dois estados americanos foi identificado como um instrumento eficaz dentro das propostas de desenvolvimento local. (PIRES, 2004.p. 58)

As pesquisas sobre a relação rede e desenvolvimento não ficaram restritas à América. Putnam fez estudo sobre a Itália no período de 1860 a 1987 e concluiu que as regiões que tinham maior participação da população apresentaram governos com melhor desempenho.

Estas comunidades no se volvieron cívicas simplemente porque eran ricas. El relato histórico sugere precisamente lo contrario: se enriquecieron porque eran cívicas. El capital social incorporado em normas y redes de compromiso cívico parece ser una precondition para el desarrollo económico, así como para um gobierno efectivo. Que tome nota la economía del desarrollo: el civismo importa. (PUTNAN, 2001.p.93)

Apesar dos destaques para os reflexos econômicos, como aumento da renda per capita ⁶ e da oferta de vagas de emprego, os estudos apontaram para outro paradigma de desenvolvimento que não fica restrito ao aspecto econômico, é mais amplo e incorpora aspectos sociais: o de desenvolvimento local, entendido como um processo que mobiliza pessoas e busca a transformação das sociedades locais, no aspecto socioeconômico, favorecendo melhoria das condições de vida da população local. (JESUS, 2007). Desenvolvimento que deve estimular a participação de atores sociais (COELHO, 1996:11 *apud* JESUS, 2007. p.26).

Essa visão de desenvolvimento que incentiva a união dos atores em prol de transformações da sociedade pode combater a pobreza. Para Franco (2009) é possível combater a pobreza promovendo o desenvolvimento humano e social sustentável, sem esperar tudo do Estado, construindo parceiros para executar investimentos em capital humano e capital social. Ele aponta como estratégia de indução de desenvolvimento local o DLIS – Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável.

Diferentemente de outras metodologias de promoção de desenvolvimento local, DLIS é, fundamentalmente, uma estratégia de investimento em capital social. Essa estratégia é aplicada por meio de algumas tecnologias sociais inovadoras de articulação de redes e de efetivação de processos democráticos-participativos ensaiados em escala local. Há uma

⁶ A renda per capita ou rendimento per capita é um indicador que ajuda, a saber, o grau de desenvolvimento econômico de um país ou região (é a soma dos salários de toda a população dividido pelo número de habitantes) e consiste na divisão da [renda nacional](#) ([produto nacional bruto](#) menos os gastos de depreciação do capital e os impostos indiretos) pela sua população.

metodologia que conduz a utilização dessas tecnologias e que, portanto, operacionaliza a estratégia DLIS. (FRANCO, 2009, p.11)

Bourdieu (1980) menciona a importância da articulação em rede ao definir capital social: “o conjunto de recursos atuais e potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e inter-reconhecimento” (BOURDIEU, 1980. p.2 *apud* MATOS, 2009. p.35). Nesta perspectiva, o capital social seria um atributo do indivíduo que pertence a um contexto social. Corroborando, Tocqueville (1977) enfatiza sobre o sentido de participação em associações comunitárias como exercício de cidadania. Neste aspecto, James Coleman (1990) descreve que é a partir do capital social que se contribui coletivamente para o desenvolvimento regional.

Ao fazer uma revisão bibliográfica sobre capital social, Matos (2009) traz a ideia de Coleman (1990) de que o capital social está localizado nas redes sociais que garantem a confiança e permitem a solidariedade. Ainda dentro da perspectiva de Coleman, Matos indica duas estruturas onde o capital social pode ser encontrado,

[...] nas redes sociais que funcionam num espaço fechado (um clube, associação ou sindicato, com suas próprias normas e sanções) ou numa organização social ou instituição com objetivo específico (empresa, governo, associação cultural, partido político, ONG). (MATOS, 2009. p.37).

Redes sociais

Para Franco (2010) “redes sociais (distribuídas) são movimentos de desconstituição de hierarquia (na exata medida dos seus graus de distribuição)”. Paraskevopoulos (1998) e Pommeranz (2000) definem redes como organizações sociais ou sistema social e/ou organizacional de interação que envolve pessoas de um determinado território. No entanto, há de se ponderar ao se referir ao termo território porque no mundo contemporâneo, “na área das pós-mídias e na era do ciberespaço” (LÉVY, 1995 *apud* Tauk Santos, 2009. p.21) não há fronteiras geográficas que dificultem a participação em redes. O ciberespaço permite que indivíduos de países diferentes participem de uma mesma rede.

Para fins deste artigo será adotada a definição de Marteleto & Silva (2004) que afirma ser as Redes um sistema composto por “nós” e conexões entre eles que, nas ciências sociais, são representados por sujeitos sociais (indivíduos, grupos, organizações, etc.) conectados por algum tipo de relação. Esta relação pode ser intencional ou espontânea segundo Viviane Amaral: “o que diferencia as atuais redes organizacionais das redes sociais

espontâneas é o acionamento intencional, proposital, finalístico dos relacionamentos, os objetivos comuns explicitados e compartilhados.” (AMARAL, 2008. p.5) E apresenta algumas características das redes sociais: objetivos compartilhados, construídos coletivamente, dinamismo e intencionalidade dos envolvidos, empoderamento dos participantes, desconcentração do poder...

Segundo Jara (2001), a questão do empoderamento dos indivíduos em redes sociais estabelece fator fundamental do processo de construção social, na medida em que “aponta aos indivíduos e aos grupos sociais a possibilidade de participar ativamente nas ações coletivas e possibilita que as pessoas recuperem ou ganhem controle sobre suas condições de trabalho, de vida e de seu entorno” (JARA, 2001, p. 113).

Na contemporaneidade o que se observa é a potencialização das redes com a tecnologia, conforme Castells (1999).

Redes constituem a nova morfologia de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura. Embora a forma de organização social em redes tenha existido em outros tempos e espaços, o novo paradigma da tecnologia da informação fornece a base material para sua expansão penetrante em toda a estrutura social. (CASTELLS, 1999.p.497)

O motor das redes é o compartilhamento de informação e as novas tecnologias aceleram este processo de forma exponencial, rompendo as fronteiras de tempo e espaço. Mas a tecnologia que une, também exclui e divide a sociedade em conectados e não conectados, conforme reflete Canclini.

A sociedade, concebida antes em termos de extratos e níveis, ou distinguindo-se segundo identidades étnicas ou nacionais, é pensada agora sob a metáfora da rede. Os incluídos são os que estão conectados, os outros são os excluídos sem conexão. (CANCLINI, 2004.p 73 *apud* TAUK SANTOS, 2009.p.24).

Desta forma Mata (2011) questiona que a internet apresenta duas faces: “... ela é útil para difundir, para debater, para colocar temas em alguns âmbitos, mas a Internet também tem suas limitações no que diz respeito à luta dos silenciados para se comunicarem, para que possam ser ouvidos”. No entanto, nem todos têm acesso a esse meio de comunicação, sendo impedidos de exercer sua cidadania.

Hacer oír la palabra acallada significa poder pronunciarla em múltiples espacios y a través de diversas formas expresivas y de interacción . Pero em el marco de la mediatización de las sociedades, los medios masivos de comunicación se fueron convirtiendo progresivamente em espacio insoslayable y El poder hablar fue recubriéndose paulatinamente de otra acepción: poder hablar em esos medios; tener presencia em ellos. (MATA, 2011)

Apesar do presente trabalho não se ater às redes virtuais, não se pode deixar de mencionar o uso das tecnologias nas redes.

Outro aspecto relevante apontado por Castells (1999) é o fato de as Redes serem estruturas abertas e que integram novos nós, desde que os mesmos compartilhem os mesmo códigos de comunicação, ou seja, “Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio” (CASTELLS, 1999, p. 498). Além disto, as teorias de rede estabelecem que estes laços sociais existentes possam ser classificados como fortes, quando o indivíduo desprende mais tempo, intensidade emocional e trocas, os laços fracos são aqueles que as pessoas investem menos ou quase nada nas relações. Esta categorização foi estudada por Granovetter, que conclui que os laços fracos é que são impulsionadores da expansão e fortalecimento das redes sociais.

[...] a explicação é simples: se dois indivíduos têm relações fortes, é provável que haja uma superposição em suas relações, a rede, como um todo, é relativamente limitada. Assim, são as relações fracas que ampliam os limites das redes, conectando grupos que não têm ligações entre si (MARTELETO & SILVA, 2004, p. 43).

É importante ressaltar que, como afirma Marteleto & Silva (2004,p.43), “a participação na rede está associada ao capital social estrutural”, já a relação de confiança e expectativa entre os integrantes da rede está ligada, segundo os autores, “ao capital social cognitivo e influencia a ação coletiva do grupo” e ainda afirmam: “Em parte, relaciona-se com o acesso à informação tanto no nível local quanto mais geral, este último associado aos meios de comunicação, ou, em outros termos, às fontes pessoais e impessoais”. (MARTELETO & SILVA, 2004,p.43) Para Franco (2011), a relação é de necessidade, pois para criar um ambiente favorável ao desenvolvimento é preciso começar investindo no capital social (quer dizer, na capacidade da sociedade de cooperar, formar redes, regular seus conflitos democraticamente e, enfim, constituir comunidade) e no capital humano, aqui compreendido como mudança provocada no indivíduo por meio de conhecimentos e habilidades por ele adquiridos (COLEMAN, 2001)

Nesta perspectiva é possível inferir que as redes fortalecem o capital social e o capital humano de determinado local, contribuindo assim para seu desenvolvimento. Mas o desenvolvimento entendido como aquele que não se limita ao aspecto econômico, mas que se preocupa em melhorar a vida das pessoas, de todas as pessoas, inclusive daquelas que estão por nascer (FRANCO, 2000). No entanto, se faz necessário analisar os usos que os jovens fazem do conhecimento adquirido por meio dessas redes, pois, como enfatiza Martin-Barbero (1995) é preciso estudar o que as pessoas fazem com o meio e o que elas fazem com elas mesmas.

Associação dos jovens de Rio Formoso

Rio Formoso está localizado na Zona da Mata Sul de Pernambuco com 22.151 habitantes, destes, 8.778 vivem na zona rural, que representa aproximadamente 40% (IBGE, 2010). O índice de desenvolvimento humano do município (IDH-M) é 0,621 (PERNAMBUCO, 2010), maior que Manari, no sertão pernambucano, que tem IDH-M 0,467 considerado o pior do Brasil, e menor que o índice de Recife que é 0,797. Rio Formoso está inserido em uma área de monocultura canavieira e tem três usinas. O assentamento Amaraji, objeto deste estudo, fica a dois quilômetros do centro da cidade de Rio Formoso, ocupando uma área de aproximadamente 1.100ha desapropriados em 1997. “O auto de imissão na posse foi expedido pela 7ª Vara da Justiça Federal em 04 de dezembro de 1997”. (VIEGAS, 2006, p. 80) O acesso é difícil, com estradas de barro e as famílias fazem uso de transportes alternativos para se deslocarem até o centro da cidade. Não há posto de saúde em pleno funcionamento e escola, só com ensino fundamental.

No assentamento moram 82 famílias. Além das atividades agropecuárias, o setor de serviços tem aumentado à oferta de emprego, pois o assentamento “está inserido no Centro Turístico de Guadalupe (Polo Costa Dourada) e em uma área de Proteção Ambiental de Guadalupe (APA de Guadalupe), região que já recebe um fluxo turístico de importante relevância”. (VIEGAS, 2006, p. 82)

A organização dos agricultores do assentamento se dá em duas formas: Sindicato dos Agricultores de Amaraji e Associação dos Jovens Agricultores de Amaraji. Considerando o objetivo deste trabalho, o foco da pesquisa será a Associação dos Jovens Agricultores de Amaraji. Criada há seis anos, a associação de jovens agricultores tem 14 associados, mas apenas seis participam ativamente da associação, incluindo o presidente e

vice-presidente da associação⁷. Possui assistência do Prorural (Programa Estadual de Apoio ao Pequeno Produtor Rural) e do Ipa (Instituto Agrônômico de Pernambuco) e com este apoio já conseguiu desenvolver vários projetos, alguns destacados pelo vice-presidente da associação: construção de cisternas, a feira de produtos orgânicos, o projeto de construção de um tanque para aquicultura.⁸ O trabalho em rede é destacado como muito importante para as famílias do assentamento “por conseguir melhorar a renda dos moradores”⁹, mas este é um assunto a ser aprofundado posteriormente.

Metodologia

Para a realização deste trabalho foram utilizados dois instrumentos metodológicos: a) pesquisa bibliográfica; b) entrevistas com roteiro semiestruturado. Na pesquisa bibliográfica foram levantadas referências teóricas dos temas relacionados ao presente artigo: redes, desenvolvimento, capital social. Dados sobre o município de Rio Formoso e o Assentamento de Amaraji foram pesquisados junto a órgãos públicos, entre eles, IBGE, Governo do Estado de Pernambuco, prefeitura municipal, Prorural. Em uma visita *in-loco* foram feitas entrevistas com um roteiro semiestruturado com três jovens da Associação dos Jovens Agricultores do Assentamento Amaraji, 50% do total de jovens que participam ativamente da associação, considerando que dos 14 associados, apenas seis participam ativamente da associação. O roteiro de entrevista foi dividido em quatro categorias: identificação, lazer e consumo dos meios de comunicação, conhecimento e uso da associação, e avaliação da rede e aspirações para o futuro. Os jovens foram entrevistados no bar do assentamento onde são feitas as reuniões da associação e as festas da comunidade.

Apropriação das redes em Amaraji

A Associação dos Jovens Agricultores do Assentamento Amaraji tem 14 associados, seis participam ativamente, segundo o vice-presidente da associação, e destes, três foram entrevistados por esta pesquisa. Todos são do sexo masculino, com idades entre 23 e 32 anos, com nível de escolaridade distinto: um tem fundamental incompleto, um tem médio

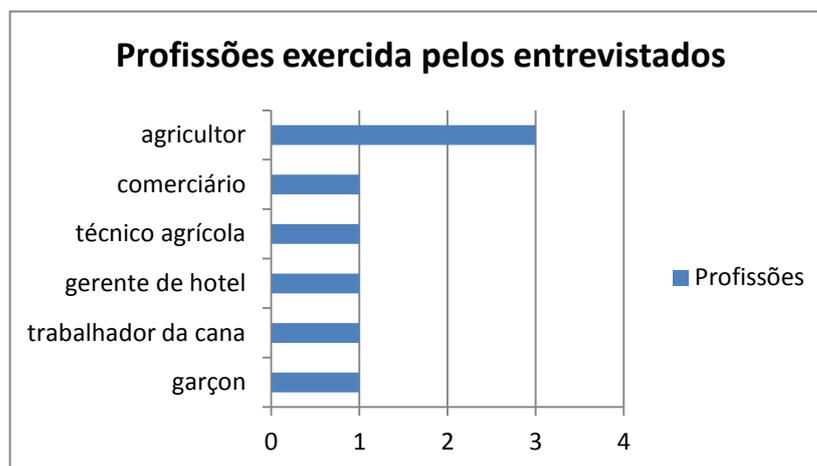
⁷ Segundo o vice-presidente da associação Edvaldo Amaro Domingos em entrevista concedida para esta pesquisa.

⁸ Segundo o vice-presidente da associação Edvaldo Amaro Domingos em entrevista concedida para esta pesquisa

⁹ Vice-presidente da associação Edvaldo Amaro Domingos em entrevista concedida para esta pesquisa

completo e um terceiro está cursando o ensino superior. Todos se apresentaram como agricultores, mas já desempenharam outras funções.

Quadro 1 Profissões que já foram exercidas pelos agricultores entrevistado



Quando não estão trabalhando, costumam se divertir frequentando lugares públicos como praia, praça pública e feiras. A principal fonte de informação é a televisão e em segundo lugar, a internet, apesar de o assentamento não ter *lan house* e o acesso se dá no centro de Rio Formoso onde há três *lan houses*. No assentamento há o bar onde são realizadas as reuniões e algumas festas de forró, onde os moradores se reúnem para conversar e dançar.

Os três entrevistados ocupam cargo na associação: presidente, vice-presidente e tesoureiro. Quando perguntados se conhecem alguma rede, todos responderam que sim, sendo que todos mencionam conhecer a feira agroecológica¹⁰ e somente um entrevistado mencionou o Conselho Municipal e a Rede de Agricultores da Mata Atlântica (RAMA).

Eles relatam que os objetivos das redes são: apoiar os agricultores na comercialização, promover reuniões do Conselho, promover o desenvolvimento sustentável, criar oportunidades para os jovens e cuidar do meio ambiente. As redes são financiadas pelo Sabiá, Prefeitura, mas segundo o vice-presidente da associação, “Só quando faz projeto, como por exemplo, a cisterna, que foi a fundo perdido do Banco do Nordeste”.¹¹

¹⁰ Feira onde são vendidos os produtos produzidos sem agrotóxicos. São realizadas em alguns bairros da Região Metropolitana e municípios de Pernambuco

¹¹ Vice-presidente da associação Edvaldo Amaro Domingos em entrevista concedida para esta pesquisa

Foi destacada como ação da feira agroecológica a definição de preço dos produtos comercializados e o apoio às ações de produção agroecológica. Na feira agroecológica participam sete jovens da comunidade, sendo que um dos entrevistados afirma ter sido a esposa dele a primeira da sua família a participar da rede e que atualmente o casal está integrado à feira.

Os parceiros da rede são: Prorural, IPA, Centro Sabiá e Prefeitura, que se reúnem uma vez por mês, sendo o contato feito através de telefone ou por meio do técnico do Centro Sabiá.

Sobre os pontos positivos e negativos das redes, os entrevistados apontaram os aspectos relatados no quadro abaixo.

Quadro 2 Aspectos positivos e negativos apontados pelos entrevistados em relação à atuação das redes

Aspectos positivos	Aspectos negativos
<ul style="list-style-type: none">• Apoio dos parceiros que tornam as situações mais fáceis de serem resolvidas	<ul style="list-style-type: none">• Falta de orientação técnica• Pouca constância dos técnicos• Trabalho para conseguir mais jovens para a associação

Todos os entrevistados destacam a união como uma característica das redes e a importância dela para que tenham os resultados desejados. O conflito existente na rede da feira agroecológica está relacionado à quantidade de mercadoria que cada membro pode levar. Mas as decisões na rede são tomadas a partir do consenso, onde todos podem opinar, com base nas informações levadas para a reunião da associação.

A redução na participação dos jovens na associação – inicialmente eram 14 e agora são seis - é atribuída, pelos entrevistados, ao pouco apoio/acesso de políticas para a juventude e pela burocracia dos projetos/programas direcionados aos jovens. No entanto, eles destacam que a participação dos jovens no projeto de aquicultura (tilápia e camarão da Malásia) ajudou a aumentar a renda das famílias. Atualmente o desafio da associação é a busca de recursos para concretizar os demais projetos do grupo, por exemplo, o turismo. Um dos entrevistados associa a continuidade da união do grupo ao fato de “conseguir mais recurso, conseguir desenvolver mais projetos e ter participação de mais jovens”¹². A união

¹² Vice-presidente da associação Edvaldo Amaro Domingos em entrevista concedida para esta pesquisa

do grupo e a manutenção do interesse pela rede foram apontadas pelos entrevistados como desafios. No entanto, o maior desafio na feira agroecológica é o transporte dos produtos que atualmente é fornecido pela Prefeitura, sendo um ônibus e sem segurança para os agricultores.

Quando perguntados sobre o que gostariam de fazer e ainda não fizeram, os entrevistados mencionam: criar gado e o turismo rural. No entanto, os desejos de futuro dos jovens são: colocar uma barraquinha na porta, ser técnico de manutenção de computadores, terminar os estudos, se tornar empresário rural, seguir carreira política, fazer o curso de direito e ter o próprio negócio.

Considerações finais

O objetivo deste estudo foi analisar as apropriações das redes sociais pelos jovens da associação dos jovens agricultores do Assentamento Amaraji em Rio Formoso/PE. Mais especificamente, quais os usos que estes jovens fazem das redes e se tal prática contribui para o desenvolvimento local. Por meio das redes sociais, os agricultores do Assentamento Amaraji conseguem promover a união. Uma vez por mês o grupo se reúne para discutir problemas da comunidade, resolvem estes problemas depois de discussões. Há reuniões também de comemoração nas festas de forró no bar. O crescimento econômico também foi observado durante a pesquisa: a feira orgânica tem incentivado os agricultores, a aquicultura surge como uma nova possibilidade de renda e os agricultores já fazem planos para ampliar os negócios visando o turismo. Nas entrevistas realizadas, os agricultores se mostraram preocupados com os problemas da comunidade e engajados na solução destes problemas. Estas observações sinalizam que as redes sociais contribuem para o desenvolvimento local no assentamento Amaraji.

O estudo realizado aponta para a possibilidade de novas pesquisas, uma delas em relação à reduzida participação dos jovens nas redes, considerando que as mesmas têm trazido contribuição para o desenvolvimento local, o que inibe ou desestimula a participação dos jovens. Em um fragmento da entrevista realizada com os agricultores eles responderam, no entanto, há necessidade de aprofundar esta questão.

Referências

AMARAL, Viviane. **Redes Organizacionais: conexões**. Brasília: MDA/SAF, 2008.
<http://pt.scribd.com/doc/24613262/Vivianne-Amaral-Redes-Organizacionais-Conexoes>
Acessado em 27/07/2011

BOURDIEU, Pierre, **El capital social**. Apuntes provisionales. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps.). **Capital social**. Zona Abierta, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Vol.1 . São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999

COLEMAN, James S. **Capital social y creación de capital humano**. In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps.). **Capital social**. Zona Abierta, 2001

FRANCO, Augusto de. **O lugar mais desenvolvido do mundo**. Editoraplus.org, 2009

_____. **2009: Dez escritos sobre redes sociais**. São Paulo, 2010.

_____. **Pobreza & Desenvolvimento Local - exclusão social**. Disponível em:
<http://br.monografias.com/trabalhos/pobreza-desenvolvimento-local-exclusao-social/pobreza-desenvolvimento-local-exclusao-social2.shtml>, acessado em 29 de julho de 2011.

_____. **Capital Social**. Brasília: 2001. Disponível em:
<http://pt.scribd.com/doc/16820958/Augusto-Franco-Capital-Social>, acessado em 29 de julho de 2011

_____. **Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável**. 2. ed. Brasília: Instituto de Política, 2000.

IBGE Cidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. Disponível no site. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> . Acesso em 29 de junho de 2011

JARA, Carlos Julio. **As dimensões intangíveis do desenvolvimento sustentável**. Brasília, DF: IICA, 2001.

JESUS, Paulo *in* FILHO, Adalberto do Rego Maciel; PEDROSA, Ivo Vasconcelos; ASSUNÇÃO, Luiz Márcio de Oliveira (org.). **Gestão do desenvolvimento local sustentável**. Recife: Editora, 2006

MATA, Maria Cristina. **Comunicación Popular: continuidades, trabsformations y desafios**. Revista Oficios Terrestres. Recibido: 2011-04-07 - Aceptado: 2011-04-20. Disponível em:
<http://www.perio.unlp.edu.ar/ojs/index.php/oficiosterrestres/article/viewFile/982/1031>
acessado em agosto de 2011

MATOS, Heloiza. **Capital Social e comunicação: interfaces e articulações**. São Paulo: Summus, 2009

MARTELETO, Regina Maria; SILVA, Antônio Braz de Oliveira e. **Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento.** Ciência da Informação, Brasília, v. 33, p.41-49, set/dez, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. **Sujeito, o lado oculto do receptor.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

PARASKEVOPOULOS, Christo. “**Social Capital, Institutional Learning and European Regional Policy: Evidence from Greece.**” Regional & Federal Studies, London. V. 8, n. 3, p. 31 -64, 1998.

PERNAMBUCO, Governo do Estado de. Tabela dos municípios por IDH. Disponível em <<http://portalsocial.sedsdh.pe.gov.br/sigas/Arquivos/Tabela%20dos%20Municipios%20por%20IDH.pdf>> Acesso em 18/04/2012 às 00h44

PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. **O Cooperativismo em questão.** A trama das relações entre projeto e prática em cooperativas do Nordeste do Brasil e do Leste do (Quebec) do Canadá. Recife: Massangana, 2004

POMMERANZ, Jens. “**Lernende Region Ruhrgebiet – eine regionalpolitische Leitperspektive für das 21. Jahrhundert.**” Zeitschrift für Wirtschaftsgeographie, Dusseldorf. V. 44, n. ¾, p. 183 – 200, 2000.

PUTNAM, Robert D. La comunidad próspera. **El capital social y la vida pública.** In: HERREROS, Francisco; FRANCISCO, Andrés de (Comps.). **Capital social.** Zona Abierta, 2001.

VIEGAS, Luciana Pinheiro. **Possibilidades e limites de inserção do Assentamento Amaraji na atividade turística no município de Rio Formoso – PE.** Dissertação de mestrado. UFPE: Recife, 2006

TAUK SANTOS, Salett. **Inclusão digital, inclusão social? Usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares.** Ed. Do autor, 2009

_____. **Juventude Rural em Tempo de Redes Sociais** In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 34, 2011, Recife, Anais eletrônicos. São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2043-1.pdf> Acesso em: 09/09/2011.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América.** Belo Horizonte: Itatiaia / EDUSP, 1997